

## **Valeu, Kassab?**

*J. Roberto Whitaker Penteadó*

*E porque não dissemos nada, já não podemos dizer nada. - do poema de Eduardo Alves da Costa*

Envaidece-me poder dizer que estou ocupando este espaço no PropMark desde o primeiro número do (agora antigo) Caderno Propaganda & Marketing, impresso nas oficinas da Gazeta Esportiva, na semana de 13.5.1984. Creio que, nestes 23 anos, minha coluna deixou de sair apenas umas 2 ou 3 vezes – nem me lembro porquê.

Mas não se preocupe, que não se trata de mais um texto nostálgico (alguns leitores reclamaram do meu recente repique do tema Bicentenário da Propaganda Brasileira) – mas de uma reflexão sobre a profissão de jornalista impresso, nesses tempos de multimídia. O meu tema de hoje, na verdade, é o da supressão da propaganda externa na cidade de São Paulo, sob o pretexto de tornar a cidade “limpa”. Só que, de acordo com as antigas normas de boa redação, eu teria de entrar no assunto fazendo uma retrospectiva pelo menos de alguns itens pertinentes da questão – o que, neste caso, me ocuparia espaço em demasia.

Vamos, então, aderir ao novo jornalismo, avisando que – se V., amigo leitor, puder dar uma olhada no ótimo texto do consultor Sergio Viriato – sob o título “O prefeito pisou nas nossas flores e matou o nosso cão” em [http://www.bluebus.com.br/show.php?p="1"&id="80223"&st="busca"](http://www.bluebus.com.br/show.php?p=) vai poder apreciar melhor as minhas observações a partir do próximo parágrafo.

Preocupa-me ouvir, de parentes e amigos – alguns até do nosso ramo – que “a cidade ficou, agora, com aparência muito melhor”. Porque se trata de uma variação da antiga noção de que “os fins justificam os meios”.

Ninguém certamente discordará de que estamos vivendo tempos particularmente complicados. A observação parece até patética. Um filme de sucesso (que não vi) parece estimular a noção de que bandido deve ser torturado até a morte. Temos um presidente com a característica até então apenas palmípede de não molhar as plumas quando entra na água: nada o toca, nenhuma crise, nenhum escândalo. Dá-se a um superministro a tarefa de resolver, na porrada, a crise aérea (não vai resolver). A oposição desespera-se na procura de um nome que possa derrotar o governo, em 2010. Delineia-se a próxima crise energética, com as primeiras notícias sobre a falta de gás natural – enquanto a mídia preocupa-se cada vez mais com o entretenimento e menos com a informação.

Todas essas coisas conduzem a um certo tipo de sebastianismo mental – que consiste na busca da pessoa, instituição ou situação providencial que possa “dar um jeito em tudo isso que está aí”. Ou seja, as soluções autoritárias, não-democráticas – que a história já nos ensinou exaustivamente que só conduzem a uma direção: à tirania, ao despotismo e a mais sofrimento. Se duvida, dedique algum tempo a ler sobre os períodos que antecederam a instauração dos regimes de força na Rússia, na Itália, na Alemanha – no século passado – ou mesmo ao dos regimes militares no Brasil de 64, na Argentina e no Chile...

É nesse contexto que acho preocupante o que está acontecendo agora em São Paulo.



Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=90&ID=431>>.  
Acesso em: 30 jul. 2009.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais